



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

FRANCYHARLLE SILVA FERNANDES

**QUESTÕES ÉTNICO-RACIAIS NO CONTEXTO NARRATIVO DAS OBRAS
“A COR DA TERNURA” E “A FELICIDADE NÃO TEM COR”.**

Guarabira-PB
Maio/2016

FRANCYHARLLE SILVA FERNANDES

**QUESTÕES ÉTNICO-RACIAIS NO CONTEXTO NARRATIVO DAS OBRAS
“A COR DA TERNURA” E “ FELICIDADE NÃO TEM COR”.**

Artigo apresentado como Trabalho de
Conclusão de Curso à Universidade Estadual
Da Paraíba para obtenção do Título de
Licenciatura em Letras

Orientadora: Prof.^a Dra. Maria Suely da Costa

Guarabira-PB
Maio/2016

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

F363q Fernandes, Francymarle Silva
Questões étnico-raciais no contexto narrativo das obras "A cor da ternura" e "A felicidade não tem cor". [manuscrito] / Francymarle Silva Fernandes. - 2016.
17 p.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Agrárias, 2016.
"Orientação: Profa. Dra. Maria Suely da Costa, Departamento de Letras".

1.Literatura. 2. Personagem negro. 3. Representação. I.
Título.

21. ed. CDD 305.8

FRANCYHARLLE SILVA FERNANDES

QUESTÕES ÉTNICO-RACIAIS NO CONTEXTO NARRATIVO DAS OBRAS
"A COR DA TERNURA" E "A FELICIDADE NÃO TEM COR".

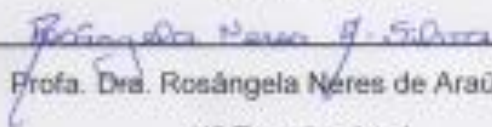
Artigo apresentado como Trabalho de
Conclusão de Curso à Universidade Estadual
Da Paraíba para obtenção do Título de
Licenciatura em Letras.

Aprovado em: 25/05/2016


BANCA EXAMINADORA



Prof. Dra. Maria Suely da Costa
(Presidente)



Prof. Dra. Rosângela Neres de Araújo Silva
(1ª Examinadora)



Prof. Dra. Maria Neni de Freitas
(2ª Examinadora)

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo uma leitura das obras *A cor da ternura* e *Felicidade não tem cor* quanto às questões étnico-raciais nelas representadas. Em diversas áreas da sociedade atual nos deparamos com ações racistas e excludentes, que surgem como entraves ao negro em nosso país, e no espaço escolar não é diferente. Enquanto uma forma de discurso presente na sociedade, a literatura não tem ficado aquém destas discussões. De alguma forma, o texto literário acaba por ajudar a tornar claros problemas relativos à vida, por meio de uma linguagem figurada e emocional cujas imagens iluminam essa complexa relação entre mundo ficcional e mundo real. O foco está em compreender como nestas duas narrativas estão postas questões em torno do negro. Isso porque os preconceitos enfrentados pelos negros na sociedade brasileira tem gerado uma falta de aceitação das crianças por serem negras, motivando, assim, causando no decorrer de sua vida. Para esse trabalho, adotamos o método comparativo, possibilitando uma leitura de ambas as obras, com apoio de um referencial teórico voltado para as questões de literatura, ensino, etnia negra e sociedade. A ênfase está em verificar o quanto a literatura educa e consiste num espaço de discussão sobre as relações étnico-raciais e que a partir desta é possível empreender discussões na escola, sobre a cultura afro-brasileira e as relações raciais no contexto da diversidade no sentido de empreender discussões sobre o preconceito, a discriminação, as diferenças numa perspectiva antirracista que vise a promoção da igualdade racial. Este estudo tem como fundamentação teórica as pesquisas de Nogueira (2002), Carneiro (2003), Oliveira (2000), dentre outros.

Palavras - Chaves: Literatura. Personagem negro. Representação.

1 - INTRODUÇÃO

Este estudo teve início ainda na graduação através da pesquisa científica PIBIC-AF trazendo o despertar e a paixão pelas obras literárias em especial a abordagem, a representação e a afirmação identitária na sociedade da criança no negra no decorrer de sua vida. Teve como base a leitura, interpretação e comparação das obras *A cor da ternura* (Geni Guimarães, 1998) e *Felicidade não tem cor* (Júlio Emílio Braz, 2002). As citadas obras trazem como tema central

dificuldades encontradas por crianças negras, refletindo o racismo em especial quando ele aparece em fase primária na vida dos indivíduos, na infância.

Nos contos, tem-se uma busca constante pela identidade. No conto *A cor da ternura*, a personagem Geni só toma consciência de sua identidade, de sua condição de ser negra, quando entra na escola. Já no conto *Felicidade não tem cor*, o personagem Fael tem consciência do que é ser negro, diz à professora que quer ser branco, e reafirma isso quando sai à procura do tal endereço do astro pop Michael Jackson.

Um dos pontos de interesse e justificativa pela escolha das narrativas, *A cor da ternura e Felicidade não tem cor*, está no fato destas levarem em consideração o contexto das crianças negras no âmbito social e escolar. Ambas abordam situações de reflexões sobre o tratamento que essas crianças têm na escola como *Bullying*, exclusão, solidão, isolamento, com reflexos centrados no preconceito e a discriminação racial, que ainda são muito frequentes no país.

Percebe-se que os personagens são agentes de uma discussão em torno da diversidade. Assim, a identidade de cada uma das personagens é formada no ambiente familiar, primeiramente, e depois na escola, ou seja, há a presença de um “eu” e este “eu” é formado a partir do outro.

Em função do interesse em compreender ambas narrativas, para esse trabalho, adotamos o método comparativo. A literatura comparada vem sendo acrescida ao ambiente literário desde o seu surgimento no século XIX. Estabelecer diálogo entre as obras mostra que a literatura comparada não é uma simples comparação, mas um estudo que analisa cultura e autores distintos. De acordo com o livro “La littérature comparée”, de 1968, citado no livro de Tânia Carvalhal:

A literatura comparada é a arte metódica, pela pesquisa de laços de analogia, de parentesco e de influência, de aproximar a literatura de outros domínios da expressão ou do conhecimento, ou então os fatos e os textos literários entre eles, distantes ou não no tempo e no espaço, contanto que pertençam a várias línguas ou várias culturas, façam parte de uma mesma tradição, a fim de melhor descrevê-los, compreendê-los e apreciá-los. (CARVALHAL, 1992, p. 31)

As obras literárias são importantes em todos os períodos, não apenas na sua origem, trazendo assim significância para qualquer grupo que a produz. Segundo Carvalho (1992), elas contribuem para esclarecer os fenômenos estilísticos e literários entre si. O método comparativo literário é de grande importância para compreender melhor o objeto de estudo e alcançar o objetivo da pesquisa com mais facilidade.

Quando trazemos o tema dos livros para o cenário educacional, está se evidenciando um dos maiores desafios impostos pela educação, a exclusão de pessoas negras. Temos em nossa sociedade representatividade marcante das matrizes raciais no entanto deparamos com uma excludente classe de pessoas e, conseqüentemente, ocasionando a desigualdade social.

Este estudo tem como fundamentação teórica pesquisadores como Nogueira (2002), Carneiro (2003), Oliveira (2000), dentre outros que dialogam com os apontamentos aqui apresentados.

2 - PRECONCEITO E RACISMO NA SOCIEDADE

A caminhada do negro para conquista de direitos e reconhecimento advém de anos de lutas. Atualmente, as manifestações de racismo e preconceito contra a pessoa negra ocorrem de maneira implícita, em caráter de covardia, sem direção certa e muito menos direta. A lei 10.639/03 foi uma das conquistas do negro que versa sobre a ensino da história e cultura afro-brasileira e africana, ressalta a importância da cultura negra na formação da sociedade brasileira. Porém o que não muda são os objetivos que essas hostilidades possuem ao colocar o negro em nível de inferioridade. O que vai ao encontro do respeito e do reconhecimento da diversidade.

Com o desejo de compreender as relações étnico-raciais presentes no Brasil, precisa-se compreender a conjuntura social e cultural, associado as ideias sobre raças que afloraram e espalharam suas convicções.

Segundo, (NOGUEIRA, 2002, p.13):

Entre os séculos XIX e XX, na sociedade brasileira, o racismo nasce e se consolida como um dos instrumentos mais eficazes de regulamentação e controle das formas de convivência e das inúmeras relações humanas. Aqui o racismo se conformou como ideologia e se materializou na cultura, determinando comportamentos e valores de uma forma inusitada nas organizações e nos indivíduos. É um caso ímpar no mundo.

Apesar do debate em torno do racismo não ser uma pauta frequente entre os brasileiros, é perceptível que o preconceito advindo dos negros e seus descendentes é bem presente na história do Brasil, em especial quando relembra-se a escravidão, e, posteriormente, as poucas ou inexistentes políticas assistencialistas para a integração desses indivíduos na sociedade.

O racismo se mistura a diversas preocupações políticas, culturais e sociais de forma que transforma o fenômeno em algo catastrófico na vida de quem se vê no meio dele, fator capaz de inibir a capacidade de desenvolvimento da pessoa negra e, conseqüentemente, de sua sobrevivência e convivência digna em sociedade. É válido ressaltar o que afirma Carneiro (2003, p.15),

O negro e o mestiço dificilmente conseguiam igualar-se ao homem branco. O "mundo da senzala" sempre esteve muito distante do "mundo da casa grande". Para alcançar pequenas regalias, fosse como escravo ou como homem livre, os descendentes de negros precisavam ocultar ou disfarçar seus traços de africanidade, já que o homem branco era apresentado como padrão de beleza e de moral.

Conforme dito na citação acima, historicamente sempre houve uma preocupação quanto à aceitação dos negros, uma vez que, para que fossem/sejam aceitos por todos, foi/é preciso que alguns traços afrodescendentes sejam ocultados, a fim de que, apenas assim torne-se possível alcançar algum benefício.

O que se deve destacar é o fato de não poder se negar que os negros contribuíram com seu suor e sangue para a formação e crescimento econômico do país, possibilitando com seu trabalho escravo as condições de prosperidade.

Contudo, as elites, tidas como “donas” dos negros, foram as principais responsáveis pelo marco do racismo, fazendo com que fosse propagada a subjugação do povo negro.

Preso aos traços da escravidão, o povo negro (com algumas exceções) ainda enfrenta dificuldades para ser inserido no mercado de trabalho sem que tenha sua mão de obra explorada e claramente desvalorizada. Outro ponto de ênfase está arraigado no estereótipo de beleza e qualificação associado ao homem branco. Diante de pensamentos desse tipo, é que surge o racismo, e, por consequência, o preconceito para com as pessoas negras que derivam desde a falta de oportunidade ao absurdo de atos violentos e desrespeitosos. Ao refletir acerca do racismo no Brasil, Carneiro (2003, p.62) afirmou que:

O racismo pode atingir diferentes graus de intensidade: vai de um simples pensamento até os casos mais extremos, de agressão física, por exemplo [...]. Assim, o preconceito contra os negros e seus descendentes gera antipatia, chegando ao extremo de haver violência, como apontado pela estudiosa. Diariamente, pode-se aferir essa intolerância a partir das notícias veiculadas nos jornais e outras mídias brasileiras, que comprovam o racismo entre os brasileiros.

Percebe-se, então, que o racismo assume muitas vertentes e tem sido presenciado e noticiado diariamente na mídia. Observa-se que o racismo e o preconceito estão intimamente relacionados com a desigualdade entre cidadãos, em especial quando as elites brancas persistem em usar de sua situação econômica para estimular a exclusão dos negros, fomentando a perpetuação dessa cultura preconceituosa.

A inexistência de oportunidade e de formação para os negros quando do período pós-libertação, contribuiu para a demora de muitos em puder assumirem a direção de sua vida e de suas ações com dignidade. Para muitos da população negra restou submeterem-se às condições de exploração, marginalização, desvalorização e exclusão.

Após anos de lutas e miscigenação entre as camadas sociais brasileiras, verifica-se ainda a envergonha do preconceito contra os negros ou seus descendentes. Não é raro se ouvir brincadeiras de mal gosto que denotam a expressão do racismo. Situações estas que deveriam ser evitadas, pois, o

instinto violento na qual são proferidas podem afetar o envolvimento social ou psicológico. Ao discutir sobre brincadeiras e piadas feitas sobre os negros na sociedade brasileira, Valente (1987, p.24) caracterizou que "elas traduzem que os negros na sociedade brasileira não são respeitados. São considerados ignorantes, raça inferior, sujos e perigosos".

Com efeito, interpretar-se que as "brincadeiras" são na verdade formas isoladas de preconceito e racismo. Denis de Oliveira (2000, p.83-84). assinala que:

A ideologia do racismo manteve a sua estrutura fundamental, só alterando as formas da sua manifestação. No período da escravidão, os negros eram sem alma, eram não humanos, portanto passíveis de serem tratados de forma desumana; na transição da escravidão para o assalariado (sic), os negros eram incompetentes para trabalhar no novo sistema de contratação, portanto passíveis de serem excluídos do mercado formal de trabalho; em seguida, os negros tinham como alternativa de inserção social a assimilação dos valores brancos inclusive pelo mascaramento de características visíveis da sua origem via miscigenação;

Diante do exposto, observa-se que o negro buscou diariamente formas para vencer as situações que o maltratavam ou destrutavam, derivadas exclusivamente de sua cor, e, como possibilidade de ser aceito, acabou por aceitar as várias imposições sociais, inclusive a de se assimilar o máximo possível os valores do homem branco, às vezes, em detrimento dos próprios, porém conseguimos também perceber que o negro, apesar de parecer nascer com um destino negativo traçado, tem desde sempre resistido e superado as expectativas de uma sociedade racista.

Considerando a literatura como uma forma de conhecimento do mundo e da vida, é compreensível que nenhum assunto a ela é avesso, por isso não poderia esta deixar de tratar de questões étnico-raciais. Sendo assim, nosso interesse neste estudo está em verificar o modo de representação das questões étnico raciais nas obras da literatura infantil *A cor da ternura* e *A Felicidade não tem cor*.

3 - REPRESENTAÇÕES DA CRIANÇA NEGRA NAS OBRAS OBJETO DE ESTUDO

O conto *A cor da ternura* é de autoria de Geni Guimarães, professora, poeta e ficcionista, autora de obras que refletem a preocupação com a cultura afro-brasileira, traz para a nossa literatura um novo modo de ver e pensar a representação do negro em suas obras sempre dando início as mesmas com questionamentos identitários, mas no desenrolar sempre mostrando que os personagens de suas obras conseguem se afirmar e conquistar espaço. Escreveu ainda poemas em jornais e contos para a revista cadernos negros entre outras reconhecidas obras.

O conto *Felicidade não tem cor* é de autoria Júlio Emilio Braz, Escritor e ilustrador de literatura infanto-juvenil, começou a escrever ainda criança e na vida adulta, foi muitas vezes premiado por suas obras e na televisão também se destacou escrevendo roteiros. Um de seus livros de maior destaque foi o *Saguairu* que deu a ele o prêmio Jabuti em 1989.

Os autores acima citados representam o negro em suas obras como personagens que enfrentam conflitos por causa da sua cor da pele, mas esses personagens sempre encontram uma maneira de dar a volta por cima no que diz respeito ao reconhecimento e aceitação.

No conto *A cor da ternura* é mostrada a vida da personagem Geni. Desde criança ainda mamando na mãe até sua fase adulta conquistando o tão sonhado diploma. O texto é autobiográfico onde a autora conta a sua vivência familiar e escolar.

Por sua vez, o conto *Felicidade não tem cor* narra a história de Fael, um menino negro, que busca uma nova identidade e, por isto, sai a procura da fórmula da branquidão que ele acredita estar com o astro pop Michael Jackson, por esta razão, ele acaba vivendo uma grande aventura.

A obra *A cor da ternura* traz uma narrativa em conto com uma distribuição concisa das palavras, em uma linguagem despretensiosa, apresentando cenas cotidianas em que os personagens vivem.

Está exposta explicitamente a discriminação vivida pela menina pobre, de família grande e negra que, ao descobrir o feito da princesa Isabel ao abolir a escravidão, passou a admirá-la como santa, demonstrando que um paralelo com a vida das crianças das periferias brasileiras, que já nascem com obstáculos extras a serem superados, e já crescem fortes, pois são desde cedo expostas à violência física e psicológica causadas pelo racismo, não podendo encontrar outra saída senão enfrentar a vida de provações.

Estamos inseridos em um mundo onde a aparência física é fator principal para a conotação de êxito ou não, e com isso hierarquiza os indivíduos por meio não de qualificação humana, mas, em seus costumes, padrões e linguagens.

Estas escolhas surgem aos olhos de quem não se enquadram com os padrões exigidos como um preconceito, Mendes (2010) defende que: a palavra preconceito é formada pelo prefixo latino “pré” (anterioridade, antecedência) mais o substantivo “conceito” (opinião, reputação, julgamento, avaliação).

Sendo então o preconceito um conceito formado sem antes ter seu embasamento necessário para compreender ou formar opinião sem cautela a partir do que não se conhece, assumindo ante seu conhecimento inóspito a exclusão de alguns estereótipos que não condizem com sua opinião.

O preconceito está explícito na não aceitação da menina principalmente em sala de aula, era refletido em sua insegurança e despreparo: “Que se enxugasse o fino rio a correr mansamente. Mas como estancá-lo lá dentro, onde a ferida aberta era um silêncio todo meu, dor sem parceria?” (GENI, 1998, p.67)

A família mantinha a rotina de contação de histórias sobre seus descendentes, e com isso a criança detinha em sua mente o conhecimento histórico de seu povo negro, nota-se também uma família onde amor não falta com ênfase na ausência do pai, tendo este aparecido na narrativa apenas quando a mesma já se encontrava encaminhada em sua vida social, mas podemos também analisar que Geni nutria grande carinho pela figura paterna, em suas palavras a personagem deixa claro sua gratidão.

De novo, meu pai ficou em pé, desatou o nó da gravata e assumiu postura de rei. Para melhor me ouvir, esqueceu a etiqueta, fez conchas com as mãos e envolveu as orelhas. As formalidades todas terminaram. Fui até eles para voltarmos juntos. Eu, princesa, entreguei meu certificado ao rei, que o embrulhou no lenço de bolso.(1998, p59)

Notamos uma menina transformada em mulher, firme e confiante. Podemos ver também através do pai a alegria da família que com o sucesso da filha, a personagem Geni orgulha a sua família por desenhar para si um novo caminho antes não imaginado por sua família e os surpreende de forma positiva.

Contudo o enredo da *a cor da ternura* como abordando duas vertentes que inspiram cuidados na sociedade em que vivemos: a primeira diz respeito a discriminação racial associado à colocação da mulher e a segunda trata do papel que precisa assumir junto à perpetuação de sua espécie, muitas vezes, sendo a única responsável familiar. A obra evidencia a importância da mulher afrodescendente e os desafios que as impedem de caminhar e lograr êxito em sua vida.

Por sua vez o conto *A felicidade não tem cor* discute em seus escritos a história de um menino que é altamente excluído por causa de sua cor. O preconceito que era remetido ao garoto Fael, que assim era chamado devido aos vários apelidos, fazia com que o isolamento fosse à única possibilidade da criança, que só é conhecida por seus diversos “apelidos” que os outros alunos colocam e que só servem para desqualificá-lo enquanto pessoa. O verdadeiro nome do aluno só vem aparecer na página 13, fator preocupante tendo em vista que a criança precisa ser confiante e ter uma visão de mundo na construção de sua identidade, coisa que não estava acontecendo com a Rafael.

A obra traz um preocupante questionamento que serve de alerta e cuidado para a escola enquanto possibilidade libertadora e transformadora fazendo com que os educandos sintam-se seguros, isso faz parte de uma educação cidadã, fato esse não identificado na leitura do texto. Como proposta pedagógica, a professora de Fael faz uma redação intitulada “*O que eu quero ser quando crescer*”. Diante disso, Fael, em sua ingenuidade, “*respondeu que queria ser branco*”, a resposta do menino traz em si a problemática que o envolve no dia-a-dia a inaceitação de sua cor, a professora ao ouvir não sabia o que dizer nem como agir, uma vez que a mesma também o chamava de escurinho dando oportunidade para que os demais da turma também sentissem estimulados para continuar com os apelidos.

Esse escrito demonstra quanto o racismo é capcioso, revelando que a pessoa que deveria estimular para o combate aos ataques ofensivos (a professora) direcionados a cor da pele do menino, na verdade, se achava no direito de incentivar os demais alunos, contextualizando a necessidade de atenção, quanto às implicações presentes no processo educativo e social de uma criança, que requer respeito as diferenças.

A anulação ao direito de uma criança quanto à inserção social e escolar pode derivar vários traumas e interferir em alguns aspectos da sua vida, um desses traumas Fael vive, o isolamento.

Esse isolamento só se rompeu após, junto com seu imaginário próprio da infância, “Fael” encontrar uma boneca de sua cor e a fez de companheira, confidente e refúgio, e era esta boneca a única que o entendia e aceitava sua “condição de negro” que os outros fizeram ele acreditar que era diferente.

Essa boneca também se sentia excluída, pois a sua dona só brincava com bonecas brancas de olhos claros e cabelos loiros,

O sonho do pequeno Fael era conhecer Michael Jackson, sendo este cantor se transformado e sua condição física inicial de negro para branco, e de acordo com as reflexões de “Fael” este detentor da fórmula mágica que o faria ser branco também.

Percebemos uma total falta de aceitação da criança devido a exclusão que a sociedade o impõe, a criança não era diferente e sim negra, não tinha problema algum, mas o fizeram acreditar que tinha. Essa história nos leva a reflexão sobre de quantos “Fael” nesse mundo não estão passando por isso? E nós como profissionais da educação devemos nos impor para pelo menos no ambiente escolar mudar esta realidade

Em diferentes circunstâncias os docentes contribuem para a modelagem de uma imagem positiva ou negativa dos negros. Em outros termos, em se tratando de discutir racismo como um tipo de violência, além do dito e percebido por diversos atores na escola, interessa também retratar silenciamentos. (UNESCO, 2006, p. 205)

Mesmo diante de grandes dificuldades “Fael” teve a ideia de ir a uma rádio conseguir o endereço de Michael Jackson para, enfim, realizar seu sonho. Ao chegar nessa rádio, encontrou um locutor negro e limitado a uma cadeira de

rodas. Recebeu do mesmo não o endereço do Michael Jackson, mas uma lição de vida e aceitação fazendo com que o menino identificasse sua importância e reconhecesse que apesar das limitações a felicidade não tem cor.

O racismo não se trata de uma teoria científica, mas de um conjunto de opiniões pré-concebidas que tem como maior objetivo a valorização entre as diferenças biológicas entre os seres humanos, onde alguns acreditam serem superiores a eles devido a sua raiz racial. A existência das raças superiores e inferiores é justificada pela escravidão, onde alguns povos “os negros” eram comandados por outros grupos. (SOUZA, 2009, p. 82)

Moscovici (1978, P.58) nos diz que “A representação social funciona deste modo como uma preparação para a ação, não sendo somente na medida em que guia o comportamento, mas na medida em que remodela.”

Fazendo ponte com o que as obras nos mostram, que somos portanto produto do meio em que vivemos, modelados a partir do que nos é imposto, e por tanto, estando em uma sociedade preconceituosa as crianças representadas nas histórias, acreditavam que estavam fora dos padrões.

Ambas histórias trazem para reflexão, como aprendizado, as dificuldades enfrentadas pelas pessoas negras e os impactos que a exclusão causa, promovendo a inquietação para libertação de pensamento, a luta pela a igualdade entre os povos e, principalmente, o entendimento de que somos iguais e capazes independente de características físicas aparentes.

O alerta contido nas obras nos faz entender a escola como centro gerador de conhecimento e aceitação, uma vez que para os alunos opinarem será preciso ter contato, a leitura e interpretação de obras. Somente assim a escola terá uma função integradora, orientando o sujeito para uma educação cidadã, possibilitando o estímulo a um olhar crítico sobre o mundo que o cerca e a efetiva condição de inserir-se ao meio.

Os contos da literatura infantil, aqui apresentados, trouxeram enredos que acabam por pontuar temas relacionados à etnia e ao preconceito na sociedade, além da falta de aceitação por parte das crianças, o isolamento e exclusão

Podemos apontar como distanciamento encontrado entre dois contos, o fato de que: em *A cor da ternura*, por meio do desenvolvimento pedagógico da escola, após um trabalho de conscientização da professora, a menina foi aceita,

mesmo sendo a única garota negra da escola, passou a ser enxergada e esse auxílio a ajudou a construir amizades e sentir-se segura no âmbito escolar.

Ao passo que, na obra *Felicidade não ter cor*, o menino Fael continuava a ser desconsiderado, em especial pela professora em sala de aula, permitindo que houvesse continuidade de sua exclusão e enxurrada de preconceitos por todos que o cercavam, as obras apresentam mesmo que em situações opostas interesses semelhantes, problematizar as questões com étnicos-raciais, com o propósito de alertar a questão racial em sala de aula.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Retomemos o objetivo do trabalho que foi compreender como nestas duas narrativas estão postas questões em torno do negro, tendo as obras objeto de estudo como centro da discussão *aprendeu-se com a cor da ternura e A felicidade não têm cor* que o dia a dia de crianças negras são regados de entraves desafios.

A forma com que se pode vencer esses desafios é desenvolver nos alunos por meio educacional e interpretações flexivas, que estimulam a se reconhecer e construir sua identidade, possibilitando um processo de aceitação e valorização da pessoa humana e na construção de valores.

O que se identificou foi que as qualidades pertencentes às pessoas negras, são desassociadas a sua imagem, que as esferas estereotípicas ultrapassam as características dos indivíduos, fazendo com que as desigualdades sociais apontem como recorrentes a ação preconceituosa e racista.

Conclui-se, então, acreditando que é dever de todas as instituições sociais buscarem atualização junto a suas práticas educacionais, onde sua metodologia seja pautado na forma de educar o cidadão, crítico e livre, capaz de reconhecer sua origem e orgulhar-se pelas suas raízes, impondo-se pelos seus valores,

posturas, ideias, discursos e atitudes, pois, acredita-se que apenas assim será possível um avanço significativo das relações étnico raciais.

Agindo desta forma, a escola e sociedade, não compartilharão com a falta de acesso ao direito das crianças, dos jovens e dos adultos, brancos e negros, de serem formados como seres humanos que respeitam as diferenças.

Pensando assim é que se propõe uso em sala de aula das obras literárias “a cor da ternura” e “a felicidade não tem cor” ao trabalho em sala de aula como possibilidade de trazer aos alunos assuntos inerentes a observação da pessoa negra como ser social, mas, principalmente a necessidade de olhar o outro como é, aceitando-o, e reconhecendo-o como pessoa.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Vera Maria de Moura. **Dificuldades Escolares e o Desenvolvimento da Criança**. Revista Interação da Faculdade de Educação da UFG. n. 1-2, p. 61-66, jan./dez. 1992.

ALVES Martins, M., & Niza, I. (1995). **Psicologia da aprendizagem da linguagem escrita**. Lisboa: Universidade Aberta.

ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. **Etnografia da Prática Escolar**. 6ª ed. Campinas: Papyrus, 1995.

BRASIL. **Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Referencial curricular nacional para a educação infantil**. Brasília, MEC/SEF, 1998.

BRAZ, E.J. **Felicidade não tem cor**. São Paulo. Editora Moderna.2002.

CARNEIRO, L.T. Maria. **O racismo na História do Brasil**. 8. Ed. São Paulo:Ática, 2003.

CARVALHAL, Tânia Franco. 1943- **Literatura comparada** - 4. ed. rev. e ampliada. - São Paulo: Ática, 1992.

GUIMARÃES, Geni. **A cor da Ternura**. São Paulo. FTD, 1998.

NOGUEIRA, J.C. Multiculturalismo e Pedagogia Multirracial e Popular – Série **Pensando o Negro em Educação**. Editora Atilénde (Núcleo de Estudos Negros). Florianópolis, 2002.

OLIVEIRA, Denis de. *Globalização e Racismo no Brasil*. São Paulo: Unegro, 2000.

REGO, OLIVEIRA. **Diferenças individuais na aprendizagem inicial da leitura: papel desempenhado por fatores metalinguísticos**. *Psicologia: Teoria e Prática*, 1995.

SOUZA, Luciana. **Significado do ser branco: a brancura no corpo e para além dele**. Dissertação de Mestrado. São Paulo: Faculdade de Educação/ Universidade de São Paulo, 2009.

UNESCO, **Cotidiano das escolas entre violências** / Coordenador por Miriam Abramovay. Brasília: UNESCO, Observatório de Violência, Ministério da Educação, 2005/2006.

VALENTE, Ana Lucia E.F. **Ser negro no Brasil hoje**. São Paulo: Moderna, 1987.

VYGOTSKY, L. **Pensamento e Linguagem**. Lisboa: Antídoto, 1995.

ZILBERMAN, Regina. **O papel da literatura na escola**. *Via Atlântica*, n. 14, dez. 2008.